

## COMUNICAÇÃO SOBRE EVENTO

International conference. Gender issues: Implications for leisure and tourism. March 1st-3rd, 2012. University of Aveiro, Portugal. (<http://www.genderintourism.com/>).

Questões de gênero, apesar de há décadas serem discutidas pela história, pela sociologia e pela antropologia, apenas há poucos anos entraram na discussão da investigação científica em turismo. Por inúmeras pesquisas já foi provado que as mulheres fazem parte do mercado de trabalho, inclusive do turismo, mas em empregos 'menores' aos dos homens e seus salários não são equiparados. À mulher ainda está, muitas vezes, relacionado o trabalho informal, não remunerado e as atividades ligadas à casa, o que leva à dupla jornada, evidenciando que o mundo em que vivemos é desigual também neste aspecto. Portanto, a questão do gênero afeta a vida das pessoas, das famílias, das organizações e deveria afetar o desenho das políticas públicas que buscam compatibilizar esta realidade.

Mas o que é gênero? Gênero é um sistema de identidades culturalmente construídas, expresso em ideologias de masculinidade e feminilidade, interagindo com as relações socialmente estruturadas em divisões de trabalho e lazer, sexualidade e poder entre mulheres e homens (SWAIN, 1995, p. 258).

O tema de gênero e turismo faz parte de um grupo de temas de estudos novos e também críticos nesta área de conhecimentos. Os primeiros estudos específicos estão datados na década de 1990, sendo praticamente inexistentes até então. É fato que o conhecimento em turismo está governado e liderado pelos homens, mas não porque as mulheres se excluíram da área, mas sim porque por muito tempo foram excluídas. No desenvolvimento prático do próprio turismo também há preponderância dos homens, o que traz um grande viés.

Apesar disso, recentemente identificou-se no turismo que o crescimento da atividade também elevou o número de mulheres que ingressaram como profissionais neste campo. Mas as considerações provocativas permanecem, tais como: quais as tendências do turismo e como a questão de gênero irá se configurar? Porque as mulheres são muitas vezes reconhecidas como as "outras"? Quais as origens dos preconceitos e mitos ao redor do feminino? Qual a realidade das mulheres que trabalham no turismo? Por que as mulheres, apesar de desenvolverem as mesmas funções técnicas que os homens ganham, em média, menos? Por que o "clube de investigação em turismo" é comandado pelas tradições dos homens, quando o número

de mulheres que ingressam na educação superior nesta área é expressivamente maior?

Foram essas e outras questões que a conferência internacional *Gender issues: Implications for leisure and tourism* discutiu entre os dias 01 e 03 de março de 2012 na Universidade de Aveiro, em Aveiro, Portugal. O evento foi coordenado pelo professor Dr. Carlos Costa e sua equipe de profissionais e estudantes de doutorado em turismo, que estruturou o encontro em 4 conferências principais, entremeadas por 25 apresentações de trabalhos de autores originários de sete países. O idioma oficial foi o inglês.

A primeira conferência foi proferida pelo Dr. Chris Cooper, da Oxford Brookes University, Reino Unido, intitulada *Tourism trends and futures. A 'gender aware' framework*. Cooper desenvolveu o seu raciocínio apontando as perspectivas gerais para o turismo e sua relação com o tema do gênero. Sua dúvida principal seria se no futuro poderá o turismo ser dominado e influenciado pelos temas do gênero. Considerou que, aos poucos, está se ligando o gênero ao turismo e os estudos partem de uma visão estrutural que se contrapõe a uma visão individual. Destacou também as forças que direcionaram o turismo no futuro, tais como os temas demográficos, a sociedade do lazer, a ausência de apenas um domínio temático de estudos, os avanços tecnológicos nos destinos, a questão da autenticidade e a criação de cenários turísticos, entre outros aspectos.

Chris Cooper deixou claro que o turismo é um tema transversal, ao mesmo tempo em que pode ser ele um elo entre várias temáticas que também são transversais, tais como risco e segurança, mercados e produtos orientados para mercados específicos, empregabilidade e atitude em tempos de crise e o papel da mulher neste contexto. Em suas considerações finais ressaltou que haverá muitos futuros para o futuro do turismo e destacou que uma abordagem científica do turismo é essencial, porém deixou a questão principal que ele mesmo levantou em aberto, sobre se o turismo será “gendered”, ou seja, permeado fortemente pela questão do gênero. Segundo ele ainda não é possível apontar o desenrolar desta situação, e mais estudos serão necessários para se responder a esta pergunta.

Em seguida o professor Carlos Costa fez a apresentação do Gentour. Ele apresentou os objetivos do projeto, que é financiado pela FCT, teve início em 2009 e acaba de ser renovado por mais 2 anos. O Gentour tem uma característica colaborativa e comparativa, ao contar com uma equipe de pesquisadores ligados a diversas universidades portuguesas e parceiros no Brasil, ligados a duas universidades: USP e UnB. Em seguida, o palestrante enfatizou a problemática observada em sua universidade que levou ao surgimento do projeto: se tantas são as

mulheres que ingressam na educação superior do turismo, se elas tendem a ter os melhores desempenhos escolares, por que elas ainda não apresentam lugar de destaque no universo profissional da área? Na sequência, foram apresentados os resultados da pesquisa que mostra a situação das mulheres formadas em turismo no contexto português. As lacunas de salários ficaram evidentes, bem como de posições de chefia e de graus acadêmicos, todos com números mais favoráveis aos homens.

A última sessão do primeiro dia da conferência ficou a cargo da professora emérita Anália Torres, presidente da European Sociological Association, e do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas ISCSP, da Universidade Técnica de Lisboa, e intitulou-se *What do women and men really want? Gender attitudes and practices towards work and family in Europe*. Sua apresentação dividiu-se em 5 partes. Na parte 1 foram abordadas as diferenças e semelhanças de opiniões e práticas entre homens e mulheres a partir de um grande projeto de investigação que trabalhou com dados de 25 países europeus, oferecendo comparações entre as respostas de homens e de mulheres. Na parte 2, com propriedade e possibilitada pelos dados recolhidos, foram analisados os novos significados de família e relações de gênero. Na parte 3, Torres apresentou como o relatório de pesquisa foi desenvolvido e como foi possível investigar o comportamento de tão grande amostragem de indivíduos europeus. Na parte 4, foi discutido o tema dos regimes de gênero, as perspectivas de igualdade e pressões por mudanças.

Em suas conclusões ficou claro que existe uma visão estereotipada sobre as relações entre homens e mulheres, pois em algumas respostas estava nítido que homens e mulheres querem a mesma coisa, ou que estão satisfeitos com a situação dada, mesmo que isso prejudique a um deles. Sua proposta para mudar cenários de desigualdade é a criação e aplicação de políticas públicas claras que visem diminuir tais desigualdades. Considera, por fim, que homens e mulheres são sim diferentes, porém tais diferenças não deveriam ser mecanismos para um grupo se sobrepor a outro. Sua pergunta final é: porque as diferenças entre homens e mulheres continuam?

A pergunta que encerra o parágrafo anterior não foi respondida por Torres, mas sim pelo terceiro conferencista do evento, o prof. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Trigo propôs uma volta às origens filosóficas, históricas e religiosas da compreensão da mulher e do homem. Sua apresentação defendeu que uma análise sobre a situação da mulher na sociedade atual e no mundo do trabalho exige aprofundamento nas razões históricas que causaram, na maior parte do planeta, uma realidade caracterizada por uma grande assimetria entre os dois sexos que compõe a raça humana. Sem essa

perspectiva temporal, o preconceito que envolve as mulheres corre o risco de sofrer distorções ao confundir suas causas com seus efeitos.

O preconceito contra as mulheres não é atual, nem conjuntural, mas sim histórico e estrutural. Não se trata apenas de elucidar os entraves que atrapalham sua plena inserção no mundo do trabalho, mas ver suas influências e mazelas no contexto social, cultural e político como um todo. Há outros preconceitos nas sociedades humanas como por etnia, cultura, opção sexual, idade, ou religião, mas Trigo tratou especificamente a questão do preconceito em relação às mulheres. No caso de gênero, medidas contra o preconceito serão mais eficazes se houver a compreensão da sociedade de que a exclusão feminina não é um fenômeno regional ou atual, mas uma prática consagrada durante séculos, fundamentada apenas em crenças ou opiniões que nada têm de científico ou razoável, mas sim escoradas na opressão e no desejo de controle de um gênero por outro, ou seja, das mulheres pelos homens. Entender e explicitar as vertentes dessa opressão, considerou o palestrante, é conscientizar homens e mulheres hodiernos a combater e renegar uma tradição perversa que continua a fazer vítimas e oprimidas entre muitas populações desse mundo pretensamente globalizado. Para isso é preciso ir às origens mitológicas, religiosas e filosóficas do patriarcalismo, especialmente nas civilizações ocidentais. O universo da exclusão é vasto, cruel e calcado na ignorância e na opressão.

Na cultura ocidental, mas não só, tentou-se justificar a discriminação da mulher durante séculos com mitos de legitimação que tiveram persistência por milênios. Os dois principais podem ser enunciados como: a) a mulher é perigosa; b) a mulher é mentalmente inferior. É evidente que isso é um absurdo, uma injustiça, mas essa percepção persiste, não apenas no senso comum ou entre as classes mais pobres ou ignorantes, mas entre pessoas educadas e detentoras de poder real, sejam homens ou mulheres.

No que se refere a uma proposta inicial e objetiva, o que as mulheres, assim como todos os seres humanos, precisam? Foi a pergunta feita pelo conferencista. E sua resposta: podem-se resumir as necessidades das pessoas a princípios fundamentais como liberdade e conhecimento, justamente o que é sistematicamente negado aos que são oprimidos e excluídos, ou que, em outro aspecto social, sofrem algum tipo de restrição ou descaso. Um não existe sem o outro, pois ambos se articulam indissolúvel e dialeticamente. Sem liberdade não se pode acessar o conhecimento e sem este não se consegue – ou não se concebe – a ventura de ser livre em um mundo pleno de desafios, dúvidas e necessidade de discernimento e escolha perante várias possibilidades.

A professora Helena Costa, da Universidade de Brasília, teve o compromisso de fazer a última conferência magistral do evento, que intitulou-se *Women in Brazil with higher education in tourism: Preliminary Results of the Gentour Project*. Foram apresentados resultados acerca da pesquisa realizada no Brasil, no ano de 2011, que tinha como objetivo identificar a realidade profissional das mulheres no Brasil que detem educação superior em turismo (da educação tecnológica à pós-graduação). Primeiramente, a palestrante apresentou o contexto da pesquisa, ligada ao projeto Gentour. Em seguida, expôs dados que ajudam a compreender a problemática abordada, organizados em 3 pontos: a mulher no mercado de trabalho brasileiro em geral; a mulher no setor de turismo em países emergentes e no Brasil e, por fim, dados sobre a educação superior em turismo no Brasil.

Fica evidente que a situação é marcada pelo número expressivo de mulheres trabalhadoras do setor, pela informalidade e pelos salários menores que o dos homens em posições similares. Então, a professora apresentou as similaridades e diferenças significativas entre a realidade profissional de homens e mulheres com educação superior em turismo. Oito foram as diferenças significativas, entre as quais o *gap* salarial médio de 29,4% a favor dos homens, a menor presença de mulheres em cargos de chefia, a menor concentração de mulheres nos níveis educacionais mais altos (mestrado e doutorado), a menor taxa de empreendedorismo das mulheres, quando comparadas aos homens. Vale ressaltar que, na amostra da pesquisa, não foi recorrente a sensação de discriminação em razão dos gêneros e que ser mulher não foi considerado um obstáculo para entrar no mercado de trabalho após a educação superior em turismo, mas sim como um dificultador para o crescimento na carreira, especialmente quando se tratam de mulheres com filhos. Por fim, alguns temas cruciais para a questão feminina no mercado de trabalho, aplicados ao setor do turismo, foram abordados: a conciliação entre família e trabalho, a relação entre maior nível de formação com a redução da lacuna salarial entre os gêneros e o reconhecimento da mulher como um grupo com necessidades especiais no trabalho. A professora encerrou convidando para o debate e para a apresentação de resultados mais detalhados, futuramente.

As seis sessões paralelas nas quais foram apresentados 25 estudos estavam divididas da seguinte forma:

Sessão 1 - Tourism Destinations & Gender

Sessão 2 - Tourism Higher Education, Science & Gender

Sessão 3 - Employment, Public Policies & Gender

Sessão 4 - Sport, Leisure & Gender

Sessão 5 - The Tourist Experience & Gender

## Sessão 6 - Tourism & Gender – Mutual Implications

Em tais sessões foi possível o aprofundamento da temática com especialistas em suas áreas que abordaram as questões de gênero em suas localidades e investigações. As apresentações tinham sempre como foco o papel da mulher no turismo, fosse na educação superior, nos esportes, e nas empresas. Alguns estudos de caso foram apresentados de vários lugares, tais como dos Alpes, de Cuba, de Portugal, do Brasil, de Taiwan e da China, para citar alguns. O que ficou evidente foi que o tema “turismo e gênero” precisa ser mais bem trabalhado e o campo de investigação é vasto, visto as inúmeras possibilidades e multidimensões que assume.

De certa forma, o modelo da conferência não era de grande evento, com uma multidão de participantes, o que foi bem esclarecido por seu coordenador, prof. Carlos Costa. Na verdade, era um encontro “de nicho”, em suas palavras, no qual os interessados em estudos críticos sobre as relações entre homens e mulheres e o turismo pudessem partilhar seus conhecimentos, estabelecer redes e criar laços que num futuro próximo poderão elevar ainda mais os patamares científicos da investigação em turismo nesta temática emergente.

### Referência

SWAIN, M.B. Gender in Tourism, *Annals of Tourism Research*, 1995, Vol. 22, p. 247–266.